

Jornalismo e literatura: *Sketches by Boz*, a primeira obra de Charles Dickens

Journalism and Literature: Sketches by Boz, the first Charles Dickens's work

Roberto José da Silva

Mestre em Teoria e História Literária – Unicamp;
Professor – Secretaria da Educação
do Estado de São Paulo.
Campinas – SP
rojose26silva@ig.com.br

Resumo

Sketches by Boz é a primeira obra de Charles Dickens e para alguns críticos, até o momento, é classificada como texto jornalístico ao lado de outros trabalhos do autor que foram direcionados para o jornal. A explicação consiste no fato de que ela ficou à sombra dos romances posteriores. Mas, é importante ressaltar que, foi em *Sketches by Boz* que Dickens iniciou todas as características ficcionais presentes em toda sua obra. Ademais, ela marca a confluência entre a prática jornalística e a literária, e em nenhum de seus romances Londres está tão presente como nela. Temos por objetivo, neste artigo, mostrar que essa obra, como alguns críticos já tem apontado, é um conjunto de narrativas que mesclam o texto jornalístico, a crônica e o conto, confirmando assim que *Sketches by Boz* também é uma obra ficcional.

Palavras-chave: Crônica. Jornalismo e literatura. Sketches.

Abstract

Sketches by Boz is the first Charles Dickens's work and for some critics, still now, is classified as a journalistic text together with other Dickens's works that were indicated for the newspaper. The explanation consists in the fact that it was put under the shadow of his later works. But is important to remember that it was with *Sketches by Boz* that Dickens began all fictional characteristics present in all his work. Moreover, it points the confluence between the journalistic and literary practice, and in none of his novels London is present as in it. We have an objective, in this Article, to show that this work, as some critics has already pointed, is a whole of narratives where are mixed the journalistic text, the chronicle and the short story, confirming in this way that *Sketches by Boz* is also a fictional work.

Key words: Chronicle. Journalism and literature. Sketches.

1 Introdução

Dickens é mundialmente conhecido por seus clássicos romances *Pickwick Papers*, *Oliver Twist*, *Great Expectations*, *Hard Times*, *David Copperfield*, *Martin Chuzzlewit*, *Our Mutual Friend*, *Dombey and Son*, *Little Dorrit*, *The Old Curiosity Shop*, *Barnaby Rudge*, *Nicholas Nickleby*, *Bleak House*, onde delineiam o humor, o sentimento humanitário, os abusos da justiça, a observação, as longas descrições de espaços e ambientes de Londres, a vida política e social, o melodrama, e a moral vitoriana. No entanto, o que poucos leitores de Dickens sabem é que o escritor iniciou essas características em pequenas narrativas no jornal, quando trabalhava como repórter *free-lancer*.

A vida de Charles Dickens (1812 – 1870), quando criança e adolescente não foi fácil, pois desde cedo teve que trabalhar em uma fábrica de graxa e, em horas vagas, ou após o trabalho, vagava pelas ruas de Londres como um *flâneur*:

A fábrica era longe e o pequeno Dickens percorria as ruas sombrias de Londres ao se dirigir para sua casa. Essas caminhadas longas lhe deram o gosto pelos passeios a pé e se tornaram mesmo um meio de despertar-lhe a imaginação, quando escrevia algum romance, ao mesmo tempo que lhe gravavam na mente cenários, tipos, que aproveitaria depois, magistralmente, em seus livros. Após um dia extenuante e monótono no porão da fábrica, aqueles passeios, apesar do cansaço que sentia, eram para o jovem Dickens um tônico verdadeiro. Passava privações. Almoçava dois cêntimos de pão e leite. Ao meio-dia comia outro pãozinho de dois cêntimos

e um naco de queijo. Ou então devorava pastéis velhos e baratos, jantando raramente alguma carne cozida ou salsichas [...] (MENDES, 1983, p. 22).

Em seguida foi trabalhar como aprendiz na casa de um procurador e depois como repórter na Câmara dos Comuns. Segundo Maurois (1963, p. 9), “[...] após Dickens chegar a ser um ótimo taquígrafo, encontrou emprego no Tribunal do Lord Chanceler, em seguida foi contratado como redator parlamentar pelo periódico *The True Sun*, e logo se tornou um grande repórter de Londres [...]” Esses ofícios serviram-lhe para conhecer a vida londrina. Ali, naquela cidade, onde perambulava trabalhando, viu mil facetas e, em pouco tempo, adquiriu, das ruas londrinas, o retrato da miséria, da beleza, da moral e dos hábitos.

Aos 22 anos de idade Dickens passou a publicar e a assinar suas narrativas que foram publicadas em periódicos, de 1833 a 1836, com o apelido de “Boz”, uma corruptela de *Boses*, a forma como pronunciava o nome de *Moses* (Moisés), quando criança. Em 1936 todas essas narrativas foram reunidas e publicadas no *Morning Chronicle*, intituladas *Sketches by Boz*.

A obra está dividida em: *Seven sketches from our Parish*, *Scenes*, *Characters* e *Tales*. Apenas a última categoria, *Tales*, tem a forma de contos, as demais são misto de textos jornalísticos, crônicas e contos. Apesar de ser um trabalho inicial, já se pode observar nessas narrativas características que marcarão os romances mais notáveis de Dickens como, por exemplo, o melodrama, o sentimentalismo humano, as longas descrições de ambientes e a vida política e social de Londres.

A tradução de *Sketches by Boz* é recente e foi editada com o título de *Retratos londrinos*, por Marcello Rollemberg (2003). No entanto, o tradutor se ateve apenas em verter as três primeiras partes da obra: “Cinco retratos de nossa paróquia”, “Cenas” e “Personagens”, deixando de lado a seleção de contos, embora alguns deles já fossem traduzidos por José Paulo Paes e Rolando Roque da Silva.

2 Literatura e jornalismo

Sketches by Boz, até então (1836), para alguns críticos, é classificada como texto jornalístico assim como *Reprinted Pieces* (1858) e *The Uncommercial Traveller* (1861). Mas os textos de *Sketches by Boz* são dissonantes dos direcionados apenas para o jornal, pois apresentam características tanto da crônica, como da ficção, e, especificamente, o conto. A impressão que se tem é que pelo fato dessas narrativas terem sido publicadas em jornais, foram simplesmente classificadas como textos jornalísticos, desconsiderando a sua construção narrativa e ficcional. *Sketches by Boz* tem valor superior às outras duas obras por dois motivos: o primeiro, pelo fato de já estar confluindo nesses textos o trabalho jornalístico – a factualidade, frases concisas e diretas, a linguagem referencial – com a ficção, – a escrita solta, frases na ordem inversa, a fabulação, a linguagem conotativa, enfim, introduzindo aspectos da literariedade; o segundo, pelo fato de essa obra conter uma seleta de contos, o que a aproxima muito dos romances ulteriores. Nesse sentido, podemos dizer que Dickens já praticava a confluência entre jornalismo e literatura pelo viés da procura e pela investigação de fatos para transformá-los em ficção, partindo da realidade que o cercava. Quando repórter, saía constantemente às ruas dos bairros de

Londres, visitava os mais diversos locais; conversava com pessoas e depois transformava tudo em crônicas e contos, recorrendo, é claro, à imaginação.

Para o crítico literário Gilbert Keith Chesterton, *Sketches by Boz* está dividido em duas partes distintas:

[...] a primeira são sketches propriamente ditos, onde se relatam os fatos cotidianos com muita vivacidade, e nenhuma grande criação de personagens – o que de fato se aproxima da crônica; já a segunda consiste na criação ficcional bem construída, onde permeiam a farsa, o humor, sentimentalismo humano, o melodrama e crítica social [...]. [...] Dickens entra na literatura por meio do jornal com histórias anotadas para o jornal, a partir de sua experiência pessoal vivida nas ruas sujas e ambientes de Londres [...] **(CHESTERTON, 2008, p.???)**. **(INFORMAR O NÚMERO DA PÁGINA)**.

Para Costigan (1976, p. 403), “[...] os sketches têm uma estreita relação com o teatro vitoriano, pela forma de descrever o mundo que Dickens viu; e também por imitar a substância e estrutura da comédia de palco [...]” Além disso, o crítico acrescenta que o escárnio implícito ou explícito nessas histórias proviria de um estilo convencional da ficção e do jornalismo popular.

Em *Sketches by Boz* Dickens conseguiu traçar e desenhar todos os hábitos dos londrinos, até mesmo a potencialidade da língua inglesa ao se apropriar de dialogismos e coloquialismos (*cockneys*), criando verdadeiras crônicas, captando com lirismo, reflexão e grande intensidade os fatos da vida diária que o cidadão comum deixa escapar, como bem aponta Robert Browning:

[...] Dickens é mais do que um bom observador, mesmo em seu primeiro livro, mas ele era, na frase de Henry James, ‘é uma das pessoas que nada é perdido’, e a observação é a primeira recomendação para esse volume, que nele dá-nos, desse modo, um valor vigoroso do que viu e ouviu em Londres [...] (BROWNING, 1966, p. 21).

Marcelo Bulhões, em seu livro *Jornalismo e literatura em convergência* (2007), afirma que no século XIX o jornalismo tomou rumo ao elemento factual e documental da vida. O jornal daquele momento transferiu-se da propagação ideológica para a busca de captação do flagrante da vida empírica. Naquele período os conceitos positivistas que contagiaram a literatura também atingiram a atividade jornalística.

O que aproxima a escrita jornalística da literária, de acordo com Marcelo Bulhões, é a “narratividade”. Essa característica, segundo Bulhões (2007, p. 40), “[...] é o elemento que converge os gêneros jornalístico e literário por ter como função uma seqüência de eventos que se sucedem no tempo [...]” O jornal está ligado à factualidade, enquanto que a literatura está ligada à imaginação. Em *Sketches by Boz* pode-se presenciar a aglutinação da factualidade com a imaginação, pois, ao ler qualquer narrativa dessa obra, imediatamente faremos relação ao momento histórico da Inglaterra, no entanto, também percebemos que a forma pela qual essas historietas foram escritas se aproximam à crônica e ao conto. Analogamente, pode-se também notar claramente a justaposição entre a escrita de frases diretas e rápidas – típicas do texto informativo, voltado para o jornal, com lentas descrições de ambientes urbanos, a construção de tipos e personagens bem construídos psicologicamente, tudo isso marcado

por uma linguagem conotativa como podemos ver em *The Streets – Night, London Recreations, A Parliamentary Sketch, Public Dinners* etc. Além disso, também notamos a intervenção do narrador, fato esse que aproxima algumas dessas narrativas à crônica, como acontece com *The Beadle, The Parish Engine, The Schoolmaster, The Curate, The Old Lady, The Half-Pay Captain, Hackney-Coach Stands, Doctors’ Commons, London Recreations, A Parliamentary Sketch, Shabby-Genteel People, The Misplaced Attachment of Mr. John Dounce*. Esse narrador não deixa de fazer seus comentários, mordaz e debochado, ao passar por algum estabelecimento. Sua presença é fortemente marcada nas seletas “cenas” e “personagens” percorrendo Londres, como um *flâneur*, noite ou dia, tranquilamente, pelos mais diversos ambientes, sem deixar de fazer comentários quem pertence ou frequente determinado lugar.

A própria seqüência e a distribuição das histórias de *Sketches by Boz* mostram bem o caminho percorrido por Dickens: primeira parte, *sketches (Seven sketches from our parish, Scenes, Characters)*, que se aproximam da crônica e do conto. Nesses *sketches* já se pode ver que não se trata de simples textos para o jornal para entreter leitores, pois neles se presenciam tipos humanos, humor, sátira e uma linguagem que ultrapassa a mera descrição de um fato que será publicado num jornal. Na outra parte (*tales*) – contos –, propriamente dita, já estamos diante de narrativas que se aproximam dos bons romances de Dickens.

Em *Sketches by Boz* essa confluência entre jornalismo e literatura aconteceu justamente pelo fato de Dickens ter sido um jornalista das ruas, por ter feito do seu jornalismo algo que poucos, ou nenhum, havia feito até aquele momento. O fato de sair às ruas, perambulando, como um *flâneur*/reporter, à

procura de histórias para colocar no jornal abriu-lhe o caminho para uma literatura especial, a da cidade. Mas não era qualquer fato, ele tinha a maestria em captar os defeitos e todos os cancores de Londres, desde as ruas sujas e frias até as hipócritas festas dos políticos daquela cidade. Nisso, Dickens deu um grande passo, ao incrementar nessas histórias a poeticidade e, também, por passar a analisar os espaços físicos e os ambientes, deu-lhes vida, substituiu a linguagem meramente referencial, por uma conotativa; a isso tudo incrementou também o melodrama, o sentimentalismo humanitário, o humor, a sátira, a crítica social aos governantes, denunciou a forma de vida dos desvalidos e todo tipo de vícios que se faziam presentes em todas as classes sociais de Londres.

É nessas narrativas que Dickens traçou um projeto literário iniciado no texto jornalístico, passando pela crônica, conto e mais tarde chegou ao auge com o romance. Dickens recorreu à escrita rápida, própria do jornalismo, que foi ideal para colocar à mostra suas ideias a respeito da sociedade que o cercava e da política que guiava aquele país, além de criticar e ironizar situações tanto política como socioeconômica.

O método, da escrita da cidade é construído ora como forma de texto jornalístico (utilitário), ora como crônica e ora como ficção, pois foi essa forma que Dickens melhor encontrou para expor a vida dos miseráveis, dos viciados, dos trabalhadores explorados por seus patrões e a falsidade das instituições religiosas e filantrópicas, assim como da dureza impiedosa das instituições jurídicas.

3 A escrita da cidade

O mérito obtido por Dickens nessas narrativas de *Sketches by Boz* está no fato de transformar a

atmosfera política e social em algo satírico e cômico, percorrendo todos os espaços de uma cidade que passava pela segunda fase da Revolução Industrial e sua população já estava em torno de um milhão e meio de habitantes. Nas crônicas e nos contos dessa obra podem-se perceber, com agudeza, os diversos ambientes londrinos, sejam os espaços abertos das ruas, jardins, praças, bairros, ou os fechados (internos) das tabernas, residências, casas de penhores, do Parlamento etc.

Além disso, nessas narrativas vemos a sequência ao modelo de escrita da cidade iniciado por Charles Jenner, James Thomson, W. Hogarth, T. Gay, Carlyle, Wordsworth e William Blake na poesia, que nos dão uma realidade crua das contradições existentes na sociedade londrina e que também viam na cidade sua funcionalidade: a cidade do barulho, da fumaça, dos edifícios públicos e os centros definidores da cultura e do saber. Já a descrição de Londres na prosa ganhou realmente apogeu com Defoe, Richardson e Fielding no romance, o qual foi o veículo literário lógico de experiências individuais de uma cultura que conferiu valor sem precedentes à originalidade e à vida urbana.

Dickens dá sequência a essa prática, mas agora sob a égide do Realismo. Citando Ian Watt, podemos ter uma noção da força desse movimento literário, no gênero romance, sobre os outros ao conseguir sintetizar uma anatomia das diversas faces da sociedade:

[...] o “realismo” tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se este fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo

tipo de experiência humana e não só as que prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta [...] (WATT, 1990, p. 13).

Segundo Robert Browning, o trabalho de Dickens nessa obra seria uma técnica que teria seguido de Hunt:

Eu acho que Dickens aprendeu de Hunt esta técnica de uma aglomeração de coisas em frases simples (freqüentemente na passiva). De Hunt, também, ele pode ter adquirido um sentimento pela poesia da sena urbana [...] (BROWNING, 1966, p. 23).

Além disso, segundo Bolle, (2000, p. 77) “[...] os cafés literários, a imprensa sensacionalista, o telégrafo elétrico, na metrópole do século XIX, são os sinais de um ritmo cada vez mais acelerado da indústria de informação [...]” De acordo com Rollemberg (2003, p. 9), “[...] Londres, nesse período, ganhava vida própria em prédios, vielas, ruas, lojas, o rio Tamisa, etc. Os sketches são uma radiografia de Londres tanto durante o dia, quanto durante a noite [...]” Durante o dia o foco do autor estava voltado para a margem norte do Tamisa, onde estava localizado o centro do poder financeiro e político de Londres, com suas lojas elegantes. Quando caía a noite o foco era voltado para a margem sul, onde se localizavam as tavernas, vendedores ambulantes e as classes menos favorecidas.

A Londres aí presente em *Sketches by Boz* já havia dobrado de tamanho nas primeiras quatro décadas do século. Em 1837, a Rainha Vitória chega ao trono e, invenção após invenção, expandia a pro-

ductiva capacidade de fábricas o que proporcionou rápida transformação em estradas de ferro e em navios a vapor para mercados distantes. A presença da vida moderna, nesse momento, é edificada pelas indústrias metalúrgica e de tecido, e pelas engenharias civil, naval e mecânica. E esse novo paradigma resultou num turbilhão urbano na vida de uma cidade que não parava mais, pois durante o dia estava marcada pelo trabalho; já à noite, pelo trabalho e diversão.

Segundo Raymond Williams, era muito difícil captar a vida londrina nesse momento, pois essa megalópole era muito heterogênea:

Londres não podia ser captada com facilidade num gesto retórico de uniformidade repressiva, mas sim pelo seu contrário, pois a heterogeneidade, a variedade, a aglomeração e a movimentação aleatória, eram seus aspectos mais evidentes quando vista de dentro [...] (WILLIAMS, 1989, p. 215).

E foi assim que Dickens desempenhou o papel de verdadeiro *flâneur*, do mesmo modo que fez Baudelaire em Paris. Friedrich Engels entre 1842 e 1844, fez uma incursão em Londres, caminhando pelas ruas e entre os bairros pobres dessa cidade registrou a progressiva industrialização da capital da Inglaterra. Em 1845 publicou esses registros com o título de *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, e uma das coisas que chama a atenção do leitor, nessa obra, são a admiração e a aversão que Engels tem ao fenômeno da multidão.

A visão que o pensador alemão teve de Londres se aproxima à da que Dickens também teve poucos anos antes, pois o romancista conseguiu captar a correria das pessoas que formam a multidão, as prostitutas, os mendigos, o rio Tamisa, os

pubs, os labirintos, a ambição de alguns e a desgraça de outros que entravam em falência. Além da repugnância que Dickens deixa expressa em suas narrativas de *Sketches by Boz*, sobre essa enorme massa, ficam também suas impressões de humanismo sobre as pessoas que formam esse contingente. A pobreza é delineada na sua crueza, mas também humanidade, de modo a denunciar as contradições de uma cidade que crescia e se enriquecia, mas a grande maioria da população de nada aproveitava, era apenas a força motriz daquela engrenagem.

As inúmeras descrições, mas significativas, presentes em *Sketches by Boz* foram simplesmente o método realista ao qual Dickens recorreu para, dessa maneira, mostrar com maior vigor as várias facetas da sociedade londrina e com objetividade real, assim como nos demonstra Lukács sobre o realismo:

A práxis literária de qualquer verdadeiro realista mostra a importância da totalidade objetiva do contexto social, assim como a “exigência da universalidade” necessária para apreender realmente. A profundidade da criação artística, a amplitude e a duração da repercussão de um escritor realista dependem, em grande parte, do grau de consciência que ele, *artisticamente*, possui daquilo que, na *realidade*, *representa* um fenômeno por ele apresentado [...] (LUKÁCS, 1978, p. 40).

É essa totalidade de Londres que Dickens consegue demonstrar nas narrativas da sua primeira obra, ao captar todos os males, belezas e vícios da sociedade daquela cidade que crescia vertiginosamente.

A Londres que Dickens nos apresenta ainda está na transição entre provincianismo e moderni-

zação. As características provincianas estão nítidas na seleta de narrativas *Seven sketches from our Parish*, e em outras crônicas e contos de *Sketches by Boz*, como constatamos nas narrativas *The Beadle*, *The Parish Engine*, *The Schoolmaster*, *The Curate*, *The Old Lady*, *The Half-Pay Captain*, e no conto *The Black Veil*, onde se evidenciam a simplicidade da vida, o forte poder e o domínio da igreja, as relações humanas mais estreitas, e, ao mesmo tempo, a precariedade na falta de infra-estrutura de qualquer cidade que cresce desgovernadamente. A Londres aí presente é a mesma que também podemos encontrar nas obras de muitos historiadores, onde denotam esses contrastes:

Com o desenvolvimento dos bondes e do trem, no fim do século, o subúrbio se estende para além do raio de ação dos caminhantes, para além de Islington ou Camberwell. Mas na maioria dos novos subúrbios, seria preservada, por um tempo bastante longo, uma atmosfera nordeste, o campo estava às portas da cidade. Em Putney, em 1905, ainda se ouve o mugido das vacas leiteiras. Nos anos 1880, ainda havia no coração da City cerca de 700 fazendas produtoras de leite, e um artigo de 1954 descrevia Shepherd’s Bush, no subúrbio oeste, como a pocilga – no sentido próprio do termo – da metrópole. (CHARLOT; MARX, 1993, p. 57).

A industrialização e a modernização trouxeram elementos que, de certa forma, contribuíram para o bem estar do cidadão, como podemos ver nas narrativas *Hackney-Coach Stands*, *Omnibuses*, *Early Coaches*, *Shops and their Tenants* onde os cabriolés e os ônibus substituem as carruagens e,

também, as muitas lojas que passaram por inovações, acompanhando o novo paradigma instalado. Mas, é interessante salientar que, a população pobre nem sempre pôde usufruir dessa modernização, pois era penosamente explorada e vivia em péssimas condições higiênico-sanitárias.

Dickens consegue relacionar objetos, lugares, ambientes, convenções sociais e personagens

de modo descritivo e bem convincente no intuito de mostrar a moral e a hipocrisia daquela sociedade. A cidade aparece como agente social e paisagem humana. Dickens, em detalhes, nos dá uma visão da cidade e o modo de vida vitoriana que apresentava sérios contrastes. De um lado, se via a miséria denunciada nos bairros suburbanos, de outro, a burguesia que ascendia sustentada pela produção capitalista. A crítica apresentada por Dickens nessa obra permeia as duas classes sociais, tanto os pobres que eram assolados pela miséria, como os burgueses que desfilavam os falsos valores morais e a hipocrisia. Além disso, segundo Marcelo Rollemberg, Dickens mira para as classes sociais menos favorecidas:

[...] encontraremos em *Sketches by Boz* o olhar atento sobre os miseráveis de todas as estirpes, sobre os desvalidos e os regenerados pela fortuna. Também havia nesse olhar um certo grau de solidariedade, como também de acusação social [...] (ROLLEMBERG, 2003, p. 12).

É nesse cenário que Londres se destaca pelo apogeu industrial e pela modernidade. Londres se constitui como megalópole e avança para as mais diversas áreas adjacentes, graças ao desenvolvimento dos transportes que rasgou os velhos bairros, passando a surgir os subúrbios. As fábricas ocupavam

cada vez mais os espaços e recrutavam mais pessoas oriundas do campo, conseqüentemente Londres inchava-se. Ao mesmo tempo em que a cidade crescia e se desenvolvia, surgiam alguns espaços para o lazer e os vícios, o que ofertou material fértil para inúmeros escritores ingleses que saíram às ruas transportando tudo isso em literatura que denunciava esse novo paradigma e, dentre esses escritores, se destacou Charles Dickens:

Centro de todas as atividades de lazer, desde as mais tradicionais como os pubs, os clubes, os espetáculos esportivos, é a iniciadora de novas e grandes festividades populares, em seus parques e ao longo das margens do Tamisa. As barcas, as estradas de ferro, os bondes, antes do metrô dos anos 1900, permitem a evasão para os restaurantes campestres ou para os encantos da vida rural. Londres é também uma “Babilônia do norte”, resumindo todos os vícios, do jogo à prostituição e à droga. Fascina escritores e artistas, é a sede natural dos ‘acadêmicos’ e dos rebeldes, a exemplo da fraternidade pré-rafaelista, e serve de trampolim para as glórias literárias. Ninguém melhor que Charles Dickens descreveu os abismos e as seduções da sua cidade, que ele conheceu bem mais do que as cidades industriais (CHARLOT; MARX, 1993, p. 14).

Se, por um lado, o progresso gerou as fábricas que lançavam fumaça para o povo respirar, por outro, também oferecia sensações esmagadoras, embriaguez, crimes, vícios, medo, tornando, desse modo, Londres uma cidade dual, por excelência.

Segundo Charlot e Marx (1993, p. 14), “[...] os escritores vitorianos fizeram uma verdadeira incursão fisiológica de Londres ao imprimir em seus textos o horror, a admiração e o medo ao tentar descrever a anatomia dessa gigantesca cidade [...]” De acordo com Robert D. Storch, nesse momento, a burguesia encontrou caminhos de construir uma moral que relacionava a pobreza aos vícios humanos, como forma de conter os desejos “fora dos padrões estipulados”. Para tanto chegou, até mesmo, a criar a lei dos pobres:

[...] nesse momento surgiu uma moral como forma de combater essas sensações, notadamente, aos pobres, pois acreditava-se que a pobreza estava ligada ao vício, à preguiça, aos excessos, daí vigorou uma grande rigidez em ajudar os carentes, e disso resultou no surgimento, em 1836, da Nova lei dos Pobres. Assim, no início do século XIX as transgressões que antes eram toleráveis passaram a ser intoleráveis pela burguesia que promoveu uma moralidade com o intuito de conter os impulsos mais agressivos e de apaziguar a sociedade e, é claro, não macular a sua classe [...] (STORCH, 1985, p. 9).

Segundo Bresciani (1985, p. 59), “[...] a burguesia optara por uma outra solução para a reconhecida gravidade do problema da pobreza indigente: pagar para que os outros cuidassem dos trânsfugas sociais, e os mantivessem afastados dos seus negócios e dos seus lares [...]” É nesse momento que Londres passa a constituir *habitats* antagônicos, onde os ricos e os pobres não compartilham do mesmo espaço de morada.

Nessa divergência, segundo Charlot e Marx, surgiram dois bairros antagônicos econômico-sociais: o West End – bairro dos ricos – e East End – bairro dos pobres:

[...] o primeiro, Oeste, era formado por ruas de calçadas de granitos e circulavam veículos com rodas revestidas de ferro, carruagens particulares e ônibus de cores vivas [...] [...] o segundo, Leste, era o ambiente dos músicos ambulantes, dos saltimbancos, vendedores dos mais diversos alimentos e objetos, característico por uma linguagem própria (cockneys), poucos veículos, ruas calmas e uma atmosfera rural [...] (CHARLOT; MARX, 1993, p. 54-56).

Exemplos como esses identificamos nos contos *The Black Veil* e *The Drunkard's Death*, em *Sketches by Boz*, onde encontramos os dois lados antagônicos de Londres. O lado Leste é onde está a grande população pobre, fadada a viver na sua miséria econômica e na precária estrutura assistida pelo Estado; já do outro lado viviam as pessoas que governavam uma das cidades mais importantes do mundo, daquele momento, e onde era assistida com todo tipo de infraestrutura.

É nesse cenário histórico, do início do século XIX, que Dickens escreve e publica suas primeiras narrativas, em forma de crônicas, contos e textos na convergência entre jornalismo e literatura a respeito da sociedade dessa época. Como foi um operário, um *flânuer* e repórter parlamentar, teve a oportunidade de observar, registrar todos os males da sociedade que vivia, seja da classe pobre, como da rica. Seus olhos estavam sempre voltados para os vícios do povo inglês de Londres, de todas as classes, as leis que favoreciam uma minoria e oprimiam

a maioria, a falsa moral que tingia a burguesia, a ascensão pessoal como simulacro de boa índole, e a miséria que assolava a grande maioria com seus direitos cerceados.

4 Considerações finais

Assim, pode-se dizer que em *Sketches by Boz* jornalismo e literatura se justapõem, oposto à crítica apontada até o momento que classifica a obra apenas como escritos jornalísticos. As características e os elementos aqui apontados como a presença do narrador intruso, comentador e sarcástico, a forma de narrar, a linguagem, que se apropria dos mais diversos modos de se falar do cotidiano daquele momento e o melodrama já são suficientes para provar que em *Sketches by Boz* há um trabalho de literariedade e que algumas de suas narrativas são genuinamente literatura; já naquelas onde a literariedade está menos presente pode-se dizer que há uma convergência entre jornalismo e literatura. As narrativas de *Sketches by Boz* não são apenas escritos jornalísticos, mas narrativas cômicas, sarcásticas e melodramáticas publicadas em jornais populares para um público leitor que crescia.

Apesar de essa obra ter sido a primeira de Charles Dickens e de ter sido agraciada com muitos elogios pela crítica e pelo público leitor daquele momento, no Brasil, nenhum estudo foi realizado a respeito. A explicação consiste no fato de que ela ficou à sombra dos romances ulteriores. Mas, é importante ressaltar que, foi em *Sketches by Boz* que Dickens iniciou todas as características presentes em sua obra posterior. Ademais, ela marca a confluência entre a prática jornalística e a literária e, em nenhum de seus romances, Londres é projetada tão real como nessa obra. As poucas

análises dedicadas a *Sketches by Boz* são superficiais e ligeiras, englobando a obra num todo, sem estudos intrínsecos às personagens, narrador, estilo, tempo, enredo e espaço.

Não podemos deixar de vista que *Sketches by Boz* são textos que independentes de ser ficção ou não, marcaram um momento da história da Inglaterra. A análise dessas narrativas dissociada ao momento histórico torna-se um tanto difícil, diferentemente dos textos ulteriores do mesmo autor. Há nessa obra uma relação de aproximação entre os textos criados para o jornal e a produção ficcional daquele momento. Somente desse tipo de análise que se pode saber com clareza o real lugar que *Sketches by Boz* merecem e o seu lugar na obra de Dickens e de toda produção escrita na Inglaterra.

Referências

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrópolis: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX. *Revista Brasileira de História – Cultura e Cidades*. São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985.

BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna - representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 2000.

BROWNING, Robert. *Sketches by Boz*. In: GROSS, John J. *Dickens and the twentieth century*. London: Routledge & K. Paul, 1966.

BULLHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CHARLOT, Mônica; MARX, Roland. In: *Londres, 1851-1901 – A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Sketches by Boz*. In: *Appreciations and criticism of the Works of Charles Dickens*. Chapter 2. 2008. Disponível em: <http://www.online-literature.com/chesterton/dickensworks/2/>. – Acesso em: 2009.

COSTIGAN, Edward. *Drama and everyday life in Sketches by Boz*. *The Review of English Studies*. New Series, v. 27, n. 108, nov. 1976, p. 403-421, Published by Oxford University Press.

DICKENS, Charles. *Retratos londrinos*. Trad. e introd. Marcello Rollemberg. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Selected journalism 1850 - 1870*. England: Penguin Classics, 1997.

_____. *Sketches by Boz*. Great Britain: Wordworth, 1999.

LUKÁCS, Georg. *Realismo, materialismo, utopia (uma polêmica 1935-1940)*. Tradução Fernanda Cândida da Mota Alves Gomes e outros. Lisboa: Moraes, 1978.

MAUROIS, André. *Dickens*. Tradução Rubens Mário Jobim. São Paulo: Dominus, 1963.

MENDES, Oscar. *Estética literária inglesa*. São Paulo: Itatiaia; Brasília, DF:INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

ROLLEMBERG, Marcello. *Retratos londrinos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

STORCH, Robert D. O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana. *Revista Brasileira de História, Cultura e Cidades*. São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 7-33, set. 1984/abr. 1985.

WATT, Ian. *A ascensão do romance – estudo sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Trad. P. H. Porto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

recebido em 23 nov. 2009 / aprovado em 2 mar. 2010

Para referenciar este texto:

SILVA, R. J. da. Jornalismo e literatura: *Sketches by Boz*, a primeira obra de Charles Dickens. *Dialogia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-35, 2010.
